

Resumo: A imagem de Deus surge das experiências humanas. A partir da educação que recebemos, especialmente na família, mas também diante de outras influências – religiosas, culturais, comunitárias etc. – criamos uma imagem de Deus. Essa imagem se manifestará no relacionamento que teremos e, de maneira muito acentuada, na educação a transmitir. “Conforme a imagem que temos, assim a atitude que adotamos”. Essas imagens podem ser consideradas reais ou distorcidas, à luz da verdadeira face de Deus.

No primeiro momento, o autor expõe algumas imagens negativas de Deus, condicionadas por paradigmas culturais. Assim, navega pelos mares de uma cultura medieval, passando depois a breve análise da cultura moderna, para analisar, em seguida, a imagem de Deus naquilo que se convencionou chamar de pós-modernidade, no seu fenômeno de retorno do sagrado. No segundo momento, quer contribuir para resgatar a verdadeira face de Deus.

Abstract: The image of God springs out from the human experiences. Starting from the education we received, especially in the family, but also because of other – religious, cultural, communitarian – influences, we create in ourselves an image of God. That image will be manifested in our relations and, in a very especial manner, in the education we will transmit. “According to the image we have, that will be the posture we will adopt.” Those images may be considered real or distorted, at the light of the true face of God. Firstly, the author describes some negative images of God, conditioned by cultural paradigms. In that way, he sails in the seas of a medieval culture, going then to a brief analysis of the modern culture, to examine, afterwards, the image of God in this that we convened to call the post-modernity, in its phenomenon of the return to the sacred. Finally, he wants to contribute to rescue the true face of God.

Imagens e verdadeira face de Deus

Geraldo Maia*

* O autor é presbítero da Arquidiocese de Uberaba, Mestre em Teologia Dogmática pela FAJE-BH (2005), e doutorando em Teologia Dogmática pela PUG-Roma.



Introdução

A imagem de Deus surge das experiências humanas. A partir da educação que recebemos, especialmente na família, mas também diante de outras influências – religiosas, culturais, comunitárias etc. – criamos uma imagem de Deus. Essa imagem se manifestará no relacionamento que teremos e, de maneira muito acentuada, na educação a transmitir. “Conforme a imagem que temos, assim a atitude que adotamos”¹. Essas imagens podem ser consideradas reais ou distorcidas, à luz da verdadeira face de Deus.

Compreendemos “a face de Deus” já como a manifestação daquilo que Deus é, na sua essência. E é na História salvífica que essa face se nos deu a revelar. A Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, nos garante que Deus quis revelar-se naquilo que ele é em si mesmo². K. Rahner elaborou seu mais famoso axioma sobre a Trindade baseado nesta identidade mesma de Deus, ou seja, aquilo que conseguimos captar de Deus na história salvífica é aquilo que ele é³.

Procuraremos, num primeiro momento, expor algumas imagens negativas de Deus, condicionadas por paradigmas culturais. Assim, navegaremos pelos mares de uma cultura medieval, passando depois a breve análise da cultura moderna, para analisar, em seguida, a imagem de Deus naquilo que se convencionou chamar de pós-modernidade, no seu fenômeno de retorno do sagrado. No segundo momento trataremos de resgatar a verdadeira face de Deus.

¹ F. Pires LOPES, “Imagens de Deus” [recensão da obra homônima coordenada por Jean Holm e John Bowker], *Broteria* 149 (1999) 494.

² “Aprove a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4)”. *Dei Verbum* 2, in G. ALBERIGO; G. L. DOSSETTI; P. P. JOANNOU; C. LEONARDI; P. PRODI. *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, 2. ed., Bologna, 2002, 972.

³ “Il principio che stabilisce questo collegamento tra i trattati e che presenta la Trinità come *mysterium salutis* per noi (nella sua realtà e non solo come dottrina), potrebbe venir così formulato: la Trinità ‘economica’ è la Trinità ‘immanente’ e viceversa”. K. RAHNER, *La Trinità*, 4. ed., Brescia, 2008, 30. A Comissão Teológica Internacional comentou este axioma com muita propriedade: “la Trinità che si manifesta nell’economia della salvezza è la Trinità immanente; è la Trinità immanente che si comunica liberamente e a titolo gratuito nell’economia della salvezza”. Commissione Teologica Internazionale, “Teologia, cristologia, antropologia (1991)”, in Commissione Teologica Internazionale, *Documenti 1969-2004*, Bologna, 2006, 200. Sobre este assunto, cf. ainda: L. F. LADARIA, *El Dios vivo y verdadero. El misterio de la Trinidad*, Salamanca, 2005, 23-39. E ainda: L. F. LADARIA, *La Trinidad misterio de comunión*, 2. ed., Salamanca, 2007, 11-64.



1 Cultura e imagem de Deus

Sendo Deus ser espiritual, sentimos necessidade de representá-lo através de imagens. Mas Deus não se esgota na sua representação. Como tão bem expressou Tomás de Aquino, o que Deus é ultrapassa a tudo quanto possamos compreender dele⁴. Nesse mesmo sentido já havia expressado Agostinho de Hipona: “Pode-se dizer tudo de Deus, e nada se consegue dizer dignamente”⁵. Certamente era por isso que os israelitas tinham tanto escrúpulo até em pronunciar o nome de Deus. Tratava-se de um cuidado para não se cair no reducionismo.

As imagens são influenciadas pela realidade histórica, social e cultural, o que chamamos de paradigma. Pensando esculpir uma imagem de Deus, colocava-se nele, muitas vezes, uma máscara que distorcia suas feições. “Para C.J.Jung, Deus é o mais forte arquétipo que existe. Quando a imagem de Deus está doente, também o ser humano fica doente. As imagens arquetípicas mexem com alguma coisa no ser humano. Elas ou confundem a psique ou trazem ordem para dentro dela.[...] Da imagem de Deus depende a imagem de si”⁶.

Tomaremos três paradigmas clássicos que esculpíram imagens distorcidas de Deus. Poderíamos escolher outros paradigmas, mas nos restringimos a estes três considerando-os simbólicos, pois continuam, sobremaneira, influenciando a atual cultura. Convém considerar que, elegendo imagens distorcidas de Deus, não pretendemos negar a importância e os valores presentes em cada um desses paradigmas, que vêm oferecendo tantos frutos ao desenvolvimento da humanidade. Apenas ressaltamos algumas imagens com expressões negativas.

1.1 Paradigma medieval

Na abordagem pré-moderna, o teocentrismo teve influência marcante e, por vezes, negativa. Tomemos uma imagem de Deus aí articulada de maneira negativa: um Deus “castigador”, “justiceiro”, “vingador”. Tratava-se do “grande olho”, do qual Sartre se lamentava mais tarde. Tem-se aí a imagem de um “deus” que está atento, vigiando as pessoas

⁴ Cf. Tomás de AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. XII, a. 7.

⁵ SANTO AGOSTINHO, “*Commento al Vangelo di San Giovanni*”, 13,5 [tradução nossa].

⁶ Anselm GRÜN, *Se quisier experimentar Deus*, 2. ed., Petrópolis, 2001, 40.



para puni-las após o menor deslize. A melhor expressão que traduz essa imagem é: “Se você fizer isso, ‘deus’ vai castigá-lo”.

Deus aí é identificado como origem e distribuidor do mal; “deus sádico”, gerador de medo, o anti-humano. Trata-se de um “deus patri-kiriarkal”: pai que é dono e senhor de tudo. É essa imagem que certa pastoral arcaica e pregações tenebrosas ensinavam, fazendo um verdadeiro terrorismo nas crianças e nos fiéis em geral. Daí a dificuldade de relacionar-se com Deus e experienciá-lo como amor, bondade, misericórdia, ternura.

Essa imagem gera insegurança e angústia até hoje, obrigando as pessoas a se justificarem sempre. É traumática e desumana. Incute medo nas pessoas. Ainda é muito empregada por pais na educação de crianças. Sobre essa imagem houve a reação da filosofia moderna, desembocando no ateísmo. Certamente o indiferentismo religioso atual é fruto de uma postura diante dessa imagem incutida no inconsciente coletivo das pessoas. Afinal, não se pode levar a sério um “deus” que seja origem e dispensador do mal a seu bel prazer, como se fosse um sádico. O Concílio Vaticano II, através de sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, apresentou lúcida intuição acerca da relação da responsabilidade dos cristãos na formação do ateísmo “na medida em que, pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião”⁷.

1.2 Paradigma moderno

A virada antropológica marcou profundamente a abordagem moderna. A imagem de Deus aí articulada acabou por apresentar um “deus” inimigo do ser humano, que não o deixa emancipar-se. Essa imagem negativa de Deus, agora, diante do fascínio da razão humana, é desnecessária, inerte, um mero defunto velado pelo saudosismo de algumas carpideiras. Os filósofos modernos e, em especial, os “Mestres

⁷ “Por essa razão, nesta gênese do ateísmo, grande parte podem ter os crentes, enquanto, negligenciando a educação da fé, ou por uma exposição falaz da doutrina, ou por faltas na sua vida religiosa, moral e social, se poderia dizer deles que mais escondem que manifestam a face genuína de Deus e da religião”. *Gaudium et Spes*, 19c, in G. ALBERIGO; G. L. DOSSETTI; P. P. JOANNOU; C. LEONARDI; P. PRODI. *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, 2. ed., 2002, 1079.



da suspeita”⁸, de martelo em punho, se puseram a demolir essa falsa imagem de “deus”.

Descartes, através da dúvida metódica, propôs o sujeito racional: “*Cogito, ergo sum*”. Kant chamou o ser humano à maturidade em razão de sua racionalidade, nos altos voos do Iluminismo. Feuerbach considerou “deus” como projeção do melhor do ser humano: para que o ser humano cresça, é preciso que esse “deus” seja negado. Marx propôs a negação desse “deus” para assegurar a realização social. Freud desprezou esse “deus” para que o inconsciente realize sua libido. Nietzsche proclamou a morte de “deus” para que o ser humano realize sua vontade de poder. O ateísmo surge, assim, como “negação da negação”. Suspeita-se de um “deus” que é apresentado como rival do ser humano. Sua morte é proclamada como gesto de misericórdia pela humanidade. No afã de tirar-lhe as máscaras pré-modernas, sua imagem foi decapitada e nada mais representa para alguns. “Se Deus não existe, tudo é permitido”, preconizara Dostoievski. Caiu-se no eclipse de Deus e, na sua esteira, no eclipse do humano. Eis o tempo da sociedade secularizada!

A repercussão dessa demolição da imagem de Deus, que levou ao niilismo, continua a ser percebida hoje. Além do ateísmo teórico, foi gerado um ateísmo prático, que levou ao relativismo. Nessa consideração, vive-se como se Deus não existisse, especialmente se a concepção desta imagem inibe minhas atitudes antiéticas. A indiferença religiosa, que tem sido superada pelos novos anseios da pós-modernidade – retorno ao sagrado –, ainda se manifesta em variadas situações. Desconsidera-se o respeito pelo semelhante por desconsiderar que ele seja “imagem e semelhança de Deus”. Afinal, a imagem de Deus foi negada.

1.3 Paradigma pós-moderno

A pós-modernidade se apresenta como momento novo da civilização, portando, em suas características, luzes e sombras. Não pretendemos, aqui, reduzir todo este complexo paradigma ao negativismo, pois reconhecemos grandes valores brotados desta cultura em variados aspectos. Abordaremos, entretanto, como fizemos, nos paradigmas anteriormente visitados, uma imagem negativa de Deus, mesmo sabendo que existem imagens positivas.

⁸ Seguindo P. RICOEUR, por “Mestres da suspeita” entendemos Marx, Nietzsche e Freud.



A pós-modernidade absolutizou o subjetivismo e o domínio da emoção⁹. Preenhe de tecnicismo, moldou uma imagem plástica de um “deus” mágico, técnico, retribuidor. A matriz dessa imagem de Deus parte do capitalismo neoliberal: Deus é o grande dispensador das riquezas. Ele premia a uns e castiga a outros. É o retorno da antiga “teologia da retribuição”. Há um grande acento na teologia da prosperidade, resgatada hoje em certas tendências religiosas. Parte, assim, da concepção de um “deus *ex machina*”: resolve os impasses de forma mágica. Como nos antigos palcos de teatro, o ídolo sobe pelo alçapão, movimentado por uma engenhoca – uma máquina – e resolve a trama encenada. Trata-se da concepção de um “deus” pragmático, utilitarista, sem compromisso social efetivo. A relação humano-divina neste paradigma não permite o amor gratuito e desinteressado. “Quando usamos Deus para a defesa de algo, colocamos esse algo acima de Deus; por conseguinte, convertemo-lo em um ídolo”¹⁰.

Além de querer que esse “deus” resolva meus problemas particulares, o “eu narcísico” procura relacionar-se com ele de forma emotiva, nas mais extravagantes manifestações, numa demonstração neurótica e, às vezes, até psicótica. A pessoa passa a querer que esse “deus” resolva seus problemas depressivos ou comportamentais. O relacionamento da pessoa com Deus assume características patológicas da mente humana.

O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, cria um “deus” à sua própria imagem e semelhança. Não é mais a pessoa que é chamada a fazer a vontade de Deus, mas é esse “pseudodeus” que deve fazer a vontade e os caprichos da criatura. Como se o Criador pudesse desprezar a liberdade finita e a própria finitude de sua criatura. Esse “deus” não existe para amar, mas para satisfazer a índole consumista da humanidade.

Balanço provisório

Apresentamos imagens distorcidas de Deus, em paradigmas diferenciados, segundo convicções e demandas da humanidade numa

⁹ Segundo A. GIDDENS, não houve uma ruptura na modernidade, mas esta atingiu seu estágio mais avançado. Sua obra mais célebre sobre este assunto é: A. GIDDENS, *Modernity and Self-Identity. Self and Society in the Late Modern Age*, Cambridge, 1991.

¹⁰ J. I. González FAUS e Josep VIVES, *Creer sólo se puede en Dios. Ensayos sobre las imágenes de Dios en el mundo actual*, Santander, 1985, 43 [tradução nossa].



determinada época. Mesmo que não seja mais tão incisiva quanto na época pré-moderna, a imagem do “olho de Deus” continua monitorando muitas consciências, violentando a liberdade humana através de leis cegas e moralistas. Assistimos à derrocada do ateísmo teórico, proposto pela modernidade, substituído agora pela redescoberta do sagrado na pós-modernidade, mas o ateísmo prático-convencional permanece: “se Deus não realiza o que eu quero, ele não merece ser acreditado”.

Urge resgatar a verdadeira face de Deus, para além das máscaras, com o intuito de representar Deus como ele realmente é: o Deus revelado em Jesus de Nazaré. “Se os cristãos estão decididos a renovar em si mesmos e na sociedade presente uma imagem sadia da Paternidade divina, eles devem detonar as perspectivas falsas que fazem com que Deus seja um tirano temível, para ser reconhecido como um Pai bom e tranquilizador”¹¹.

Somos chamados a resgatar a face de Deus, para além de nossos preconceitos, de nossas mórbidas imaginações. Acreditamos que a verdadeira face de Deus seja translúcida de ternura, amor e compaixão. Uma face solidária com o ser humano nas suas lutas de esperança e de vida, assim como Jesus Cristo nos revelou.

2 Resgate da verdadeira face de Deus

A deturpação das imagens plásticas, modeladas pelas culturas em épocas diferentes, assim como foram apresentadas acima, nos interpelam e exigem um compromisso sério de superação, a partir de nossa conversão. Assim poderemos resgatar a verdadeira face de Deus. Para tanto, há que se ter sensibilidade e se deixar tocar pela revelação de um Deus que não se esgota em puras imagens, mas que se manifesta como um muito mais de plenitude. Essa revelação terá sentido se a considerarmos como iluminadora de nossas experiências humanas do divino.

O deparar-se com a verdadeira face de Deus só pode acontecer a partir da experiência com Deus. E é na intimidade que ele se revela. A partir dessa experiência pessoal, somos chamados a “projetar uma imagem de Deus para a qual a liberdade e o amor não são coisas que se opõem mutuamente, uma imagem de Deus cuja grandeza não é diminu-

¹¹ G. MOREL, Les images de Dieu, in *Dieu aujourd'hui. Semaine des Intellectuels Catholiques* 1965, Paris, 1965, 193 [tradução nossa].



ida pela libertação do homem, mas que precisamente nessa libertação se manifesta como grandeza”¹².

Deus “não se deixa encerrar na imaginação nem na linguagem humanas. Para o exprimirmos, porém, é frequente o imemorial recurso a símbolos [...]”¹³. Ao retirarmos as máscaras colocadas em Deus, vamos redescobrimo suas feições, mas sempre representadas por novas imagens que sejam manifestações de uma nova visão. O revelador da verdadeira face resplandecente de Deus é Jesus de Nazaré. Ele é o protótipo da relação humano-divina, pois se manifestou na intimidade com o Pai: “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14,10a). Através de Jesus podemos tirar as máscaras colocadas em Deus.

2.1 Criador: partilha da experiência de amor

O Pai Criador, revelado em Jesus de Nazaré, não é aquele que cria o ser humano a seu serviço. Deus cria para comunicar seu amor, que não é solitário mas solidário. É um Criador que deseja partilhar, por isso cria pensando no bem da humanidade. Cria porque quer dar amor. Seu único interesse é o ser humano. Já criando, Deus chama sua criatura a participar de sua plenitude de vida. Na verdade, Deus projeta o ser humano para um “muito mais”. Criado à imagem de Deus, o ser humano é chamado a assemelhar-se a ele: é o percurso da “*imago Dei*” à “*similitudo Dei*”, como diz Ireneu de Lião. Esse percurso é o que chamamos de salvação, assim entendida como projeção para um futuro de plenitude humana na comunhão com Deus, é divinização¹⁴; é levar o ser humano à plenitude de sua humanidade, sem anular sua identidade antropológica¹⁵.

Criando-nos na condição humana de finitude, Deus decide entrar em nossa história como colaborador, na luta pelo rompimento das amarras

¹² Regina Ammicht QUINN, “Imagens de Deus. Imagens do ser humano e moral. O paradigma da sexualidade”, *Concilium* 279 (1996) 67.

¹³ F. Pires LOPES, “Imagens de Deus”, *op. cit.*, 495.

¹⁴ Ireneu de Lião formulou seu célebre axioma que tão bem sintetiza essa ideia: “A glória de Deus é o homem que vive e a vida do homem consiste na visão de Deus” [tradução nossa]. Na versão latina, assim se lê: “gloria enim Dei vivens homo, vita autem hominis visio Dei”. IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* IV, 20,7, in «Sources Chrétiennes» 100, Paris 1965.

¹⁵ Por tudo isso podemos afirmar com B. SESBOÛÉ: “A concepção ireneana da liberdade humana responde às objeções admiravelmente modernas”. B. SESBOÛÉ, *Tout récapituler dans le Christ. Christologie et sotériologie d'Irénée de Lyon*, Paris, 2000, 203 [tradução nossa].



que nos tornam vulneráveis ao mal. Deus não é o distribuidor dos males, que são frutos da condição de finitude humana ou da liberdade finita da humanidade. Ele se nos apresenta como o antimal, que se põe do lado do sofredor para fortalecê-lo e ajudá-lo a se erguer de sua condição. A histórica do Primeiro Testamento revela a teimosia de um Deus apaixonado pela sua criação, que não se cansa de chamar seu povo à salvação. A história do Segundo Testamento é o testemunho do Filho que se encarna para apontar à humanidade o rosto amoroso de Deus.

Foi para nos amar que Deus nos criou. Por isso ele consiste em estar amando: “*Deus é amor*” (1Jo 4,8.16). Ele sofre com o nosso sofrimento e se faz solidário conosco, amando-nos e impulsionando-nos pelos caminhos da salvação. Deus não sabe e nem quer fazer outra coisa senão amar a sua criatura.

2.2 Pastor: a segurança de nossas vidas

A figura do Pastor está presente em diversas abordagens bíblicas: Ez 34,11-16; Sl 22(23); Jo 10,11-18. Há um simbolismo próprio na metáfora do pastor: é o guia, o companheiro. É ele que transmite segurança e proteção ao rebanho. Cuida das ovelhas: prenhes, doentes, desviadas, filhotes. Conhece os atalhos que levam aos oásis. “As ovelhas podem não ver o pastor. Ele, então, com seu cajado, dá toques ritmados nas pedras. Transmite confiança e segurança, como quem diz: ‘Estou contigo’. As ovelhas, sob o cuidado caloroso do pastor, têm a sensação de que *‘nada lhes falta’*”¹⁶. O antigo Israel viveu experiências profundas da presença de Deus em sua caminhada: êxodo, repatriamento, peregrinações. Esse povo vivenciou a presença marcante de seu Deus que nunca o abandonou, especialmente na terrível experiência do exílio da Babilônia. A metáfora do Deus/Pastor remete à certeza de que Deus não abandona seu povo.

Jesus de Nazaré, o Deus humanizado, assume o pastoreio de seu povo (cf. Jo 10,11-18; Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 14, 13-21; 15,32-38; Lc 9,12-17; Jo 6,5-15). Assim como Deus outrora prometera cuidar, em pessoa, de seu rebanho, Jesus agora se manifesta como “*o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas*” (Jo 10, 11). Ele pode ser o Pastor, porque soube ser o Cordeiro de Deus.

¹⁶ L. BOFF, *O Senhor é meu Pastor. Consolo divino para o desamparo humano*, Rio de Janeiro, 2004, 34.



A vida humana é um êxodo, uma longa jornada de transcendência. Trazemos anseios de vida nova, de novas esperanças. Suspiramos por mudanças, que vão desde nossa existência pessoal até às transformações estruturais das sociedades. Gememos as dores de parto, conforme a expressão paulina (cf. Rm 8,22-23). Há, portanto, que se fazer a experiência de uma força maior em nossa vida. O Deus-Pastor nos fortalece e nos impulsiona rumo ao horizonte da libertação.

2.3 *Abbá*: amor de pai com ternura de mãe

Através de sua intimidade com o Pai, Jesus nos revela a face de Deus que é Pai. E Pai não somente dele, mas de toda a humanidade. A palavra hebraica *Abbá*, “paizinho”, revela a confiança plena da criança diante da ternura do pai. A expressão supera a mentalidade de um pai todo-poderoso na sua arrogância. Desperta-nos para nova visão de Deus: amor e ternura de mãe. O Pai para Jesus é cheio de ternura, amor, misericórdia, perdão: é presença consoladora.

“Em Jesus, a vivência do Pai – a vivência do Abbá – constitui o núcleo mais íntimo e original de sua personalidade. Dela, como que de um centro vital, emana para ele uma confiança sem limites que até hoje torna inconfundível sua figura. [...] Nascia da audácia da ternura e constituía o anúncio de um tempo novo: o do homem filial, porque tem a segurança de que Deus, em sua profundidade mais abissal e em sua interioridade mais entranhável, é um Deus paternal”¹⁷.

A face materna de Deus precisa ser resgatada em nossas culturas. Acreditamos que ficaria bem mais próximo de nossas mentes o que seria a ternura e o carinho de Deus para com suas criaturas. A figura da mãe evoca muitas experiências de bondade e amor. O próprio texto bíblico utiliza esta metáfora em Is 49,15 e chega a comparar Deus com uma parteira (cf. Is 66,9). Sabemos ainda que o termo original, hebraico, empregado para o Espírito Santo (*Ruah*), é feminino. Foi traduzido para o grego no neutro (*Pneuma*) e se tornou o masculino latino *Spiritus*. Mas, na origem, era expressão feminina. Quando resgatarmos a dimensão feminina de Deus, teremos dele uma visão mais calorosa.

¹⁷ A. Torres QUEIRUGA, *Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, São Paulo, 1993, 96.



Balanço geral

O caminho da experiência humana diante do Divino se inicia no querer, passa pelo buscar, exige o empenhar-se e se consolida no questionar-se. Para se chegar a esta experiência de Deus há que se fazer a experiência do desejo de infinito, de transcendência, a partir de nossa própria existência e das necessidades do mundo¹⁸.

Contemplar a realidade familiar, comunitária, social, nos faz constatar uma sede de infinito. Detectamos em nós um desejo de transcendência, como capacidade de romper todos os limites, projetar-nos sempre para um mais além¹⁹. É nesse anseio que podemos intuir a presença de Deus se esforçando por demonstrar sua solidariedade com o ser humano, fortalecendo-o para que transponha os percalços da existência. Somos chamados a vivenciar essa experiência, atingindo a dimensão mais profunda do ser humano, na abertura ao Espírito.

Revelação não é mágica. É autocomunicação de Deus. E Ele continua a revelar-se através dos nossos semelhantes (cf. Mt 25,40). Afinal, fomos criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26). Trazemos as marcas de Deus em nossa vida e podemos detectá-las nas feições de nossos semelhantes. É o rosto do outro que me interpela e me faz constatar a imagem de Deus. Contemplar o rosto do outro é contemplar a face mesma de Deus²⁰.

Levinas destaca a antropologia como o manifestar de Deus. Segundo ele, o que me constitui como eu é a alteridade: a interpelação do outro. Antes de qualquer pressuposto sobre o sujeito, está o outro que me interpela. É no rosto do outro que permanecem as pegadas do Infinito. Para se contemplar o Totalmente Outro, há que se contemplar o outro e

¹⁸ “Nosso desejo de infinito não pode ser saciado por metas finitas. [...] Se não sentimos a Deus, podemos, no entanto, entrar em contato com nosso desejo. Então nosso desejo mantém viva a pergunta por Deus. [...] Ao contemplar Deus no espelho de nossa alma, cresce em nós a intuição de quem seja esse Deus, o único a satisfazer nosso desejo”. A. GRÜN, *Se quiser experimentar Deus*, 2. ed., Petrópolis, 2001, 73s.

¹⁹ O grande teólogo K. Rahner designou esse fenômeno como o “existencial sobrenatural”.

²⁰ “É fácil servir diretamente a Deus – essa ação não compromete ninguém. [...] Amar o próximo pobre e doente, humilhado e explorado, isso nos compromete e nos obriga a tomar posição. Só quem ama o outro ama a Deus; só quem se engaja em sua libertação é que serve ao Senhor da história [...]”. L. Boff, *Tempo de transcendência. O ser humano como um Projeto Infinito*, 3. ed., Rio de Janeiro, 2000, 30.



deixar-se fascinar por ele, que me interpela e me faz responsável. Quanto mais responsável pelo outro, mais encontro minha ipseidade²¹.

Contemplar a face de Deus é perceber o sofrimento do outro, na compaixão, e deixar-se ser interpelado a fazer algo, buscando atitudes concretas que transformem a situação do semelhante. Daí brota a verdadeira ética numa dimensão relacional, para além de todo individualismo e de todo moralismo. É nessa dimensão que podemos compreender o Documento de Puebla quando ressalta as “feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela”, tecendo uma longa rede de feições: crianças sofridas, jovens desorientados e frustrados, indígenas e afro-americanos segregados, camponeses relegados, operários explorados, subempregados e desempregados...²².

Recolhemos aqui a memória de algumas pessoas que souberam contemplar a face de Deus no rosto dos mais sofredores, a partir do olhar de compaixão e solidariedade: D. Helder Câmara, o profeta do amor e da paz; D. Luciano Mendes de Almeida, o pastor dos excluídos; D. Paulo Evaristo Arns, o cardeal dos direitos humanos; Dra. Zilda Arns, a leiga das ações sociais; Ir. Dorothy, a mártir da justiça; Ir. Dulce, a irmã dos empobrecidos; Franca, a leiga consagrada das crianças da periferia; e uma multidão de bem aventurados e bem aventuradas da casa do Pai.

O percurso da contemplação da face de Deus como amor nos leva a adentrar no mistério mesmo da Trindade. Sendo o amor a essência de Deus – e isso o sabemos pela sua relação com o mundo criado – o que Deus fazia “antes de criar” – se é que se pode falar de um antes e de um depois em Deus – se ainda não havia a criatura para ser amada? Deus se amava na relação das Pessoas intratrinitárias. Portanto, o conceito de Deus-amor supõe uma relação trinitária! Assim, podemos concluir com Urs von Balthasar: “Só o amor é digno de fé”²³.

²¹ Cf. I. LEVINAS, *Totalidade e Infinito*, Lisboa, 1980. I. Levinas é filósofo lituano, judeu, radicado na França e falecido em 1995. Desenvolveu uma filosofia peculiar. Para além da formulação clássica da filosofia, ele parte do Talmud (interpretação dos textos judaicos revelados) para edificar uma filosofia nova.

²² CONSELHO Episcopal Latino-americano, *Documento de Puebla. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, 31 a 39, 5. ed., Petrópolis, 1983, p. 70s. O Documento de Aparecida atualiza essa abordagem do rosto dos irmãos que nos interpela, cf. seu número 65.

²³ Urs von Balthasar conclui, pela economia salvífica, a imanência mesma de Deus, que é amor. “Tutti gli ‘abbassamenti’ contingenti di Dio nell’economia della salvezza



Bibliografia

ALBERIGO, G.; DOSSETTI, G. L.; JOANNOU, P.P.; LEONARDI, C.; PRODI, P. *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, 2. ed., Bologna, 2002.

AMMICHT QUINN, R. “Imagens de Deus, Imagens do ser humano e moral: o paradigma da sexualidade”, *Concilium* 279 (1996).

VON BALTHASAR, U. *Teologia dei tre giorni*, Brescia, 1990.

BOFF, L. *O Senhor é meu Pastor*. Consolo divino para o desamparo humano. Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Tempo de transcendência: O ser humano como um Projeto Infinito*. 3. ed., Rio de Janeiro, 2000.

COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. “Teologia, cristologia, antropologia (1991)”, in Commissione Teologica Internazionale, *Documenti 1969 – 2004*, Bologna, 2006.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Puebla: A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, 5. ed., Petrópolis, 1983.

_____. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, 5. ed. Brasília; São Paulo, 2008.

GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*, Cambridge, 1991.

GONZÁLEZ FAUS, J. I.; VIVES, J. *Creer sólo se puede en Dios: Ensayos sobre las imágenes de Dios en el mundo actual*, Santander, 1985.

GRÜN, A. *Se quisier experimentar Deus*. 2. ed., Petrópolis, 2001.

IRINÉU DE LIÃO, *Adversus Haereses IV*, in «Sources Chrétiennes» 100, Édition critique par Adelin Rousseau avec la collaboration de Bertrand Hemmerding, Louis Doutrelau et Charles Mercier, Paris, 1965.

LADARIA, L. F., *El Dios vivo y verdadero: El misterio de la Trinidad*, Salamanca, 2005.

sono da sempre inclusi e superati nell'evento eterno dell'Amore”. U. von BALTHASAR, *Teologia dei tre giorni*, Brescia, 1990, 22.



_____. *La Trinidad misterio de comunión*, 2. ed., Salamanca, 2007.

LEVINAS, I. *Totalidade e Infinito*, Lisboa, 1980.

MOREL, G. “Les images de Dieu”, in *Dieu aujourd’hui. Semaine des Intellectuels Catholiques*, Paris, 1965.

PIRES LOPES, F. “Imagens de Deus” [recensão da obra homônima coordenada por Jean Holm e John Bowker], *Broteria* 149 (1999).

RAHNER, K. *La Trinità*, 4. ed., Brescia, 2008.

SANTO AGOSTINHO. “Commento al Vangelo di San Giovanni”, in *Opere di Sant’Agostino*, v. XXIV/1, Roma (1968).

SESBOÜÉ, B. *Tout récapituler dans le Christ: Christologie et sotériologie d’Irénee de Lyon*, Paris, 2000.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, vol. I, Caxias do Sul, 1980.

TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo, 1993.

Endereço do Autor:

a/c do ITESC

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524

Pantanal

88040-001 Florianópolis, SC